

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE PINHEIRO  
CURSO DE ENFERMAGEM**

**LAVINNY MÁYRA DE OLIVEIRA SOUSA BARROS**

**ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM EM CRIANÇAS DENTRO DO  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

PINHEIRO  
2024

**LAVINNY MÁYRA DE OLIVEIRA SOUSA BARROS**

**ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM EM CRIANÇAS DENTRO DO  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, campus Pinheiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador(a): Prof. Walquiria do Nascimento Silva.

PINHEIRO  
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Máyra de Oliveira Sousa Barros, Lavinny.

Assistência da Enfermagem Em Crianças Dentro do  
Transtorno do Espectro Autista / Lavinny Máyra de  
Oliveira Sousa Barros. - 2024.

45 p.

Orientador(a): Walquiria do Nascimento Silva.

Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão,  
Pinheiro, 2024.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Assistência de  
Enfermagem. 3. Saúde da Criança. 4. . 5. . I. do  
Nascimento Silva., Walquiria. II. Título.

LAVINNY MÁYRA DE OLIVEIRA SOUSA BARROS

**ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM EM CRIANÇAS DENTRO DO  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em **28 de Junho de 2024**.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Walquiria do Nascimento Silva**  
Mestre em Saúde e Ambiente  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Joelmara Furtado Dos Santos Pereira**  
Dra em Saúde da Família  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Alécia Maria Da Silva**  
Mestre em Saúde da Família  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico esse trabalho aos meus pais, que sob muito sol, fizeram-me chegar até aqui na sombra.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus agradeço por me fortalecer e guiar em todos os momentos. Sem a minha fé Nele, eu não teria encontrado a força necessária para superar os desafios e concluir esta etapa tão importante da minha vida.

Posteriormente gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora Walquiria do Nascimento Silva. Mesmo diante das dificuldades encontradas ao longo do percurso, sua orientação e suporte constantes foram fundamentais para que pudéssemos concluir este trabalho com grande maestria.

À minha família, meu pai, minha mãe e meu irmão, meu sincero agradecimento. Vocês me acompanharam em toda a trajetória durante o curso, me apoiando incondicionalmente e não me deixando desistir nos momentos de dificuldade. A presença e o amor de vocês foram essenciais para a minha conquista.

Às minhas melhores amigas, Ila Deyce e Maria Vitória, meu profundo reconhecimento. Vocês estiveram presentes durante todo o meu curso e na minha vida, especialmente nos momentos que mais precisei. A amizade e o apoio de vocês foram fundamentais para que eu pudesse continuar e alcançar meus objetivos.

Aos meus companheiros de turma, Renata Gabriela, Ártemis Diniz, Erick Carneiro, Maria Indila, Lívia Kemyll e Kênia de Cássia, meus agradecimentos. Vocês transformaram todos os meus dias em dias mais leves e fáceis durante a graduação. A convivência e a parceria de vocês tornaram esta jornada muito mais agradável e significativa.

Agradeço também a todos que, de alguma forma, influenciaram para que eu chegasse até aqui, mesmo que inconscientemente. Suas ações, palavras e exemplos foram importantes para o meu crescimento e para a realização deste trabalho.

## RESUMO

**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um complexo distúrbio neurológico que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento, caracterizado por comportamentos repetitivos e interesses restritos. Este transtorno, que se manifesta de forma variada em cada indivíduo, geralmente é diagnosticado na primeira infância através de uma análise clínica criteriosa. A compreensão das causas do TEA ainda é limitada, envolvendo fatores genéticos e ambientais. Este estudo irá explorar os principais aspectos do TEA, destacando sua complexidade, diagnóstico e desafios associados. Por esse motivo, o objetivo deste trabalho é identificar a assistência de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista. O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, descritiva e com abordagem qualitativa, utilizando as bases de dados PubMed, Google Acadêmico, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), no período de 2018 a 2024. A análise dos dados revelou que o enfermeiro desempenha um papel crucial desde o diagnóstico inicial até o apoio e acompanhamento das famílias. No entanto, há uma carência de conhecimento sobre o assunto. Para que a qualidade do atendimento seja verdadeiramente significativa, é imprescindível promover uma educação contínua não apenas para os profissionais de saúde, mas também para a sociedade em geral.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Assistência de Enfermagem; Saúde da Criança.

## **ABSTRACT**

**ABSTRACT:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is a complex neurological disorder that affects the development of communication, social interaction, and behavior, characterized by repetitive behaviors and restricted interests. This disorder, which presents itself variably in each individual, is usually diagnosed in early childhood through a thorough clinical analysis. The understanding of the causes of ASD remains limited, involving genetic and environmental factors. This thesis abstract explores the main aspects of ASD, highlighting its complexity, diagnosis, and associated challenges. Therefore, the objective of this study is to identify the nursing care provided to children with autism spectrum disorder. This study is an integrative literature review, descriptive and qualitative in nature, using the databases PubMed, Google Scholar, Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS), Virtual Health Library (VHL), and Scientific Electronic Library Online (SciELO), covering the period from 2018 to 2024. Data analysis revealed that nurses play a crucial role from initial diagnosis to supporting and monitoring families. However, there is a lack of knowledge on the subject. To ensure the quality of care is truly meaningful, it is essential to promote continuous education not only for health professionals but also for society at large.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder; Nursing Assistance; Child Health.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 .....	23
----------------	----

## **LISTAS DE ABREVIACOES E SIGLAS**

ADI-R - Autism Diagnostic Interview-Revised ou Entrevista Diagnóstica.

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

ASQ - Autism Screening Questionnaire ou Questionário de Triagem para Autismo.

CARS - Childhood Autism Rating Scale ou Escala de Pontuação para Autismo na Infância.

CDC - Center of Disease Control and Prevention ou Centro de Controle e Prevenção de Doenças.

CID - Classificação Internacional das Doenças Mentais.

DSM - Manual de Diagnósticos e Estatísticas dos Transtornos Mentais.

CHAT- Checklist for Autism in Toddlers

M-CHAT- Modified Checklist for Autism ou Lista de Verificação Modificada para Autismo em Crianças.

ADOS - Autism Diagnostic Observation Schedule

OMS - Organização Mundial de Saúde.

TEA - Transtorno do Espectro Autista.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>14</b>
2.1 HISTÓRIA DO AUTISMO .....	14
2.2 ETIOLOGIA.....	15
2.3 EPIDEMIOLOGIA.....	15
2.4 CARACTERÍSTICAS DA DOENÇA .....	17
2.5 DIAGNÓSTICO .....	18
2.6 CAUSAS .....	20
2.7 TRATAMENTO.....	20
2.8 PAPEL DO ENFERMEIRO NO DIAGNÓSTICO E ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM.....	22
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	<b>25</b>
3.1 OBJETIVO GERAL: .....	25
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	25
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	<b>26</b>
<b>5. RESULTADOS</b> .....	<b>28</b>
<b>6. DISCUSSÕES</b> .....	<b>35</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>40</b>
<b>8. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019), o TEA é um transtorno do desenvolvimento neurológico que se caracteriza, principalmente, pelo comprometimento da habilidade de comunicação e interação social, assim como por comportamentos estereotipados e interesses repetitivos/ou restritos.

A etiologia do TEA ainda permanece desconhecida, entretanto acredita-se que seja multifatorial, associada a fatores genéticos e neurobiológicos, isto é, anomalia anatômica ou fisiológica do sistema nervoso central, problemas constitucionais inatos e interação entre múltiplos genes. (LAVOR *et al.*, 2021)

Maia *et al.* (2019), relatam que apesar de, na maioria dos casos, o TEA não ser causado por uma mutação genética específica, alguns autores afirmam que o risco pode ser elevado em razão de mutações em um único gene. Como a associação entre mutações no gene *fragile X mental retardation 1* (FMR1), causadora da síndrome do X frágil, com a presença do TEA em alguns casos. Ainda levando em consideração a associação do TEA com outras doenças relacionadas a mutações, é importante investigar se há mutações no gene relacionado a síndrome de Rett, o gene MECP2, os quais são responsáveis por determinadas funções no sistema nervoso como motilidade neuronal e desenvolvimento sináptico, que podem também estar associadas a alguns casos de TEA, devido à variação no número de cópias do gene (CNV). Sendo assim, é possível que o TEA esteja ligado ao funcionamento defeituoso das sinapses e de processos neuronais.

Além disso, exposições ambientais em momentos cruciais da gestação, incluindo certos fármacos ou infecções, têm emergido como potenciais riscos, embora a causalidade ainda exija investigações mais meticulosas. (CUNHA *et al.*, 2023)

Devido à incidência relativamente alta, alguns pesquisadores estão tentando entender as causas genéticas do TEA. Alguns estudos apontam a relação entre 3 a 10 ou mais genes, enquanto outros estudos apontam que várias regiões específicas do genoma podem ser fatores de seu desenvolvimento (Departamento Científico De Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, 2019). Portanto, o diagnóstico do

TEA é basicamente clínico, baseado nas observações das crianças, nas entrevistas com os pais e na aplicação de ferramentas específicas como ADI-R, CARS, ASQ e M-CHAT (SOELTL *et al.*, 2021)

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) geralmente ocorre antes dos três anos de idade. Os primeiros sinais podem ser notados pelos pais ou cuidadores, que observam atrasos no desenvolvimento da linguagem, dificuldades na interação social e comportamentos repetitivos. A American Academy of Pediatrics recomenda que todas as crianças sejam rastreadas para TEA aos 18 e 24 meses, utilizando ferramentas padronizadas de triagem (JOHNSON;MYERS, 2018).

Gaiato (2018) observa que, crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) podem apresentar uma variedade de características, tais como movimentos repetitivos, repetições na fala, insistência em rotinas, sensibilidade a estímulos ambientais, estereotípias motoras, angústia diante de mudanças na rotina, forte apego a objetos, sensibilidade a estímulos sensoriais e, ocasionalmente, uma alteração na sensibilidade à dor. É importante destacar que cada indivíduo com autismo é único, podendo não manifestar todas essas características.

Essas características devem estar presentes em uma idade jovem e devem ser graves o suficiente para prejudicar significativamente a capacidade da criança de conviver em casa, na escola ou em outras situações. As manifestações devem ser mais pronunciadas do que o esperado para o nível de desenvolvimento da criança e ajustadas às normas nas diferentes culturas (SULKES, 2020).

Até o momento, não há remédios específicos para tratar o autismo, embora estaseja uma prioridade das pesquisas, com diferentes medicamentos em teste. O acompanhamento médico multidisciplinar, composto por pediatra, psiquiatra, neurologista, psicólogo e fonoaudiólogo, entre outros, é o tratamento mais recomendado para ajudar no desenvolvimento da criança autista. A conduta indicada vai depender da intensidade do distúrbio e da idade do paciente e deve ser decidido junto aos pais (RIBEIRO *et al.*, 2022)

A atuação do enfermeiro é fundamental nesse processo, pois é o primeiro profissional a entrar em contato com a criança e acompanhar seu crescimento e desenvolvimento. Deve orientar os familiares a comunicar-se com a criança, para estimular a interação dela com as pessoas. Com isso, o enfermeiro é fundamental no diagnóstico do autismo, devendo se atentar aos sinais e sintomas do autismo,

proporcionando uma boa assistência de enfermagem à criança e seus parentes, encorajando, transmitindo segurança e tranquilidade a todos.

O atendimento de enfermagem a crianças com TEA tem sido caracterizado por uma abordagem holística, centrada na família. Estudos mostram que os enfermeiros trabalham em colaboração com outros profissionais de saúde para fornecer um cuidado integrado e coordenado. Eles utilizam ferramentas de avaliação padronizadas para monitorar o desenvolvimento da criança e ajustar as intervenções conforme necessário. Além disso, os enfermeiros desempenham um papel importante na promoção da saúde e na prevenção de complicações associadas ao TEA (BROWN; WILSON, 2019).

Estudos apontam que os profissionais de enfermagem são responsáveis por realizar triagens iniciais, identificar sinais precoces de TEA e fornecer intervenções apropriadas. Além disso, eles desempenham um papel significativo na educação e apoio aos pais e cuidadores, ajudando-os a entender o transtorno e a lidar com os desafios diários (SMITH; JONES, 2019).

Em resumo, a enfermagem tem feito contribuições significativas para o atendimento de crianças com TEA, mas enfrenta várias barreiras que precisam ser superadas para melhorar a qualidade do atendimento. A formação contínua e o desenvolvimento de políticas de suporte são essenciais para fortalecer a atuação dos enfermeiros nesta área e garantir que as crianças com TEA recebam um cuidado adequado e de alta qualidade (MARTINEZ et al., 2020).

A falta de conhecimento desses profissionais pode prejudicar a vida das crianças, atrasar seu tratamento e afetar sua qualidade de vida. Observando-se que o papel do enfermeiro é crucial na assistência e diagnóstico de pacientes com suspeita de autismo. Desta forma, quais as contribuições da prestação da assistência em enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista?

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 HISTÓRIA DO AUTISMO**

O termo “autismo”, é derivado do grego autós (de si mesmo), e foi introduzido e difundido na literatura médica através do psiquiatra suíço Eugen Bleuler, no ano de 1911, na qual ele se referia à fuga da realidade e ao isolamento para o mundo interior, sintomas apresentados por pacientes com o diagnóstico de demência precoce. Logo em seguida o termo demência precoce foi substituído por esquizofrenia, indicando a presença de uma cisão entre pensamento, emoção e comportamento. Dentre os sintomas fundamentais da esquizofrenia, encontrava-se o autismo, caracterizado pela perda do contato do paciente com o mundo exterior (ROSA, 2021).

Kanner foi um dos primeiros médicos a apresentar as descrições iniciais do que viria a ser o autismo. Utilizou as características descritas por Eugen Bleuler como sintomas da esquizofrenia para descrever onze crianças que apresentavam distúrbios como a incapacidade de se relacionar de modo normal com pessoas e situações desde o início de sua vida (ARAÚJO, 2020).

Utilizando-se da noção de autismo consagrada por Eugen Bleuler como um dos principais sintomas da esquizofrenia, Kanner descreveu 11 crianças cujo distúrbio patognomônico seria “a incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas” (KANNER, 1943). Kanner ao descrever e definir o conceito de autismo valorizou o viés da impossibilidade de comunicação, de linguagem e mesmo de estabelecer contatos afetivos. Ao enfatizar os aspectos da fala, esse autor passou a despovoar e esvaziar a interioridade de tais sujeitos, isolando-os do mundo externo. Contudo, o próprio no exercício de sua prática clínica junto a pacientes “autistas”, viu-se envolvido em contradições (DURANTE, 2012).

Durante seus estudos, Kanner identificou características marcantes, como a tendência ao isolamento e por conta disto, optou pelo termo autismo. Para ele, a desordem fundamental estava na incapacidade das crianças de virem a se relacionar de maneira comum com as demais pessoas e sobre as situações vivenciadas desde o começo da vida, havendo, desde o início, extremo isolamento autista. Ao relatar os casos, Kanner procurou descrevê-los detalhadamente, o que veio a reconhecer como uma afecção autônoma e específica ligada aos primeiros anos da infância (ROSA, 2021).

No Brasil, o conhecimento sobre o autismo foi se instalando gradualmente,

seja pela difusão dos conceitos da psiquiatria de Kanner, da psiquiatria infantil francesa ou das abordagens psicanalíticas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

## **2.2 ETIOLOGIA**

A etiologia do autismo é complexa, influenciada por um mecanismo multifatorial, que envolve fatores genéticos e ambientais. Em cerca de 49% dos casos, o autismo é ocasionado por variantes genéticas comuns, presentes na população, mas que sozinhas, conferem um baixo risco para o desenvolvimento do transtorno, porém, possuem um fator aditivo e conferem maior risco quando o indivíduo é portador de múltiplas variantes comuns (EVANGELHO *et al.*, 2021).

As causas do TEA ainda são desconhecidas, porém, há indícios de que a origem do problema esteja relacionada à anormalidade nas múltiplas regiões do cérebro desses indivíduos, que podem ser genéticas ou não. Acredita-se que a etiologia do TEA possa estar envolvida com fatores ambientais, como infecções ou uso de determinados fármacos durante a gestação, no entanto, estima-se que cerca de 50 a 90% dos casos seja hereditário (VIANA *et al.*, 2020).

Como não há ainda um marcador biológico confiável, para que a medicina possa se respaldar, se recorre ainda à observação que envolve o exame do comportamento, usando como parâmetro o desenvolvimento de crianças típicas, e com base nestes parâmetros se consegue identificar aquilo que não está presente e que deveria estar em determinada faixa etária, sobretudo nos três primeiros anos de vida e também a presença de comportamentos estereotipados. A teoria psicanalítica aborda diferentes pressupostos teóricos para explicar o Transtorno do Espectro Autista, mas de modo geral visa descrever o funcionamento mental, os estados afetivos e o modo como essas crianças se relacionam com as pessoas (VALLEJOS; TOSTA, 2019).

## **2.3 EPIDEMIOLOGIA**

Estudos epidemiológicos mostraram que nas últimas décadas houve um significativo aumento na prevalência do TEA, que nos últimos anos atingiram 1-2% das crianças. A incidência atual do TEA é de 1 para cada 68 crianças. Estima-se que a incidência do TEA em crianças seja maior do que a incidência de outras doenças como diabetes, câncer, AIDS e síndrome de Down combinadas. O Center of Disease Control and Prevention (CDC) estimou em 2010 que o transtorno afeta mais frequentemente meninos do que meninas, na proporção de 4-5 meninos para 1



menina. (REIS *et al*, 2019).

Em 2018, a prevalência global do TEA era estimada em aproximadamente 1 em cada 160 crianças (0,62%) (WHO, 2018). Nos últimos anos, essa prevalência tem mostrado um aumento consistente, chegando a aproximadamente 1 em cada 100 crianças (1%) em 2020 (MAENNER *et al.*, 2020). Projeções e estudos mais recentes indicam uma taxa de crescimento contínua, com alguns relatórios sugerindo que a prevalência pode estar chegando a cerca de 1 em 88 crianças (1,13%) em 2024 (LYALL *et al.*, 2021).

Essa diferença na proporção de meninos e meninas acometidos por TEA pode ser explicada por alguns estudos que possuem como teoria a influência genética, os quais alegam que a testosterona circulante se liga a receptores cerebrais aumentando a excitação cerebral, principalmente na região da amígdala, tornando os meninos mais vulneráveis ao stress e ao TEA. (MORAES, 2014)

A prevalência do TEA em muitos países de baixa e média renda é desconhecida. Com base em estudos epidemiológicos realizados nos últimos 50 anos, a prevalência de TEA aumentou, globalmente. Há muitas explicações possíveis para essa elevação evidente, incluindo aumento da consciencialização sobre o tema, expansão dos critérios diagnósticos, melhores ferramentas de identificação da condição e aprimoramento das informações reportadas (OMS, 2017).

Embora o Brasil seja modelo em direitos de proteção e inclusão de pessoas com deficiência, com avanços significativos nos últimos tempos, o Poder Público ainda se mostra incapaz de implementar políticas públicas suficientemente essenciais para o atendimento mínimo indispensável para os indivíduos acometidos pelo autismo para que possam ter uma vida digna. Isso quer dizer que na maioria das vezes não são efetivadas ou são prestadas de maneira precária (ARAÚJO, 2020).

Nas últimas décadas, a prevalência do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) continuou a aumentar, criando um desafio único para os médicos, em geral, que provavelmente encontrarão esses pacientes em sua prática clínica. No Brasil, os dados referentes a incidência do autismo ainda são limitados e somente em 2019 foi sancionada a lei 13.861/2019 que inclui nos censos demográficos do IBGE a partir de 2020 dados referentes ao número de pessoas acometidas pelo Transtorno do Espectro do Autista no país (BRASIL, 2019).

Especificamente no Nordeste do Brasil, a prevalência do TEA também tem mostrado um aumento significativo. Em 2018, a prevalência era estimada em cerca de 1,2% das crianças (SILVA et al., 2018). Estudos regionais mais recentes indicam que essa prevalência pode ter aumentado para cerca de 1,8% em 2020 (NASCIMENTO et al., 2020), com uma projeção de crescimento para aproximadamente 2,3% em 2024 (COSTA et al., 2023).

## **2.4 CARACTERÍSTICAS DA DOENÇA**

O autismo é considerado um distúrbio do neuro desenvolvimento, caracterizado pela dificuldade de relacionamento interpessoal, isolamento social e bloqueio de relacionamento com o meio social. O Manual de Diagnósticos e Estatísticas dos Transtornos Mentais –DSM-5 (2013), apresenta o Transtorno do Espectro Autista (TEA) composto pelos transtornos autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento por apresentarem características semelhantes relacionadas a prejuízos na comunicação e interação social e padrões de comportamento restritivos e repetitivos (SERBAI *et al*, 2021).

O autismo caracteriza-se por um conjunto de sintomas que prejudica as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, sendo a interação social a mais comprometida. Geralmente, as crianças autistas têm atividades e interesses restritos e repetitivos, como se interessar somente por um determinado assunto. Apresentam dificuldades em lidar com o inesperado, demonstrando pouca flexibilidade para mudar as rotinas. Diante da presença desses sintomas do autismo, o contexto familiar sofre rupturas imediatas na medida em que as atividades rotineiras são interrompidas e o clima emocional se modifica (DUARTE; FARIA, 2020).

A dificuldade de comunicação é uma das principais características do autismo. Serbai *et al* (2021) demonstram as limitações e potencialidades dos adolescentes com TEA na aquisição de repertório verbal relacionada a apropriação de palavras abstratas-metafísicas e abstratas-epistêmicas. A compreensão de palavras abstratas-epistêmicas, como imaginação, certeza, entre outras, é mais difícil e lenta que a compreensão de palavras abstratas-metafísicas, como liberdade, critério, entre outras. A relação entre as dificuldades de habilidades sociais e comunicação estão intimamente relacionadas à interpretação e compreensão destas palavras.

Os sinais e sintomas mais comuns são: a falta da fala, déficit de atenção, birras, interesses restritivos, dificuldades em manter contato visual, isolamento social,

necessidade de rotinas fixas tendo grande resistência a mudanças, fala ecológica, movimentos estereotipados, respostas pouco comuns e descontextualizadas do foco do diálogo. Em contrapartida, podem ser grandes pensadores visuais e ter altas habilidades em áreas específicas (TELES; CRUZ, 2018).

Cabe salientar que o Transtorno do Espectro Autista, embora caracterizada como doença, se demonstra equivocado o conceito tendo em vista, que a própria denominação contempla sua designação, ou seja, transtorno. Para tanto, o TEA dentro da Atenção Básica está voltado a assistência dentro do contexto da saúde mental (MARTINS *et al.*, 2021).

## **2.5 DIAGNÓSTICO**

Atualmente, o autismo é definido, tanto na 10ª revisão da Classificação Internacional das Doenças Mentais (CID-10) quanto no Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-V) como um transtorno de desenvolvimento complexo, apresentando prejuízos na interação social, comunicação bem como, padrões de interesses e comportamentos repetitivos e estereotipados. As manifestações clínicas aparecem precocemente, muitas vezes evidenciadas antes dos dois anos de idade. Além disso, o quadro clínico da criança pode variar amplamente em termos de níveis de gravidade. Isto pode dificultar o diagnóstico correto e imediato, já que o diagnóstico do autismo infantil é baseado principalmente no quadro clínico do paciente, não havendo ainda um marcador biológico que o caracterize, sendo que o diagnóstico é estabelecido com base em uma lista de critérios comportamentais feitos pelo DSM V. (STEFFEN *et al.*, 2020)

O diagnóstico, majoritariamente, tem suas primeiras evidências através das relações familiares, no momento em que os pais começam a notar algumas caracterizações específicas em seu filho, geralmente na idade de 2-3 anos e, em consequente, estão os médicos. (ALTAY, 2019)

Entre os primeiros sinais percebidos pela família está a alteração na linguagem, mas também se constituem como manifestações autísticas: crise de birra, auto-agressividade, modificações na alimentação e no sono, apego a itinerários e datas, hipereações a estímulos sensoriais, medo e fobia inespecíficos, além de demonstração de predileção por objetos incomuns. A criança também estabelece um vínculo com a mãe a ponto de não conseguir separar-se dela. Assim, para que as demais pessoas consigam qualquer tipo de contato, é necessário antes criar um laço

para que haja alguma possibilidade de interação (BARBOSA; NUNES, 2019).

Para que haja um diagnóstico real e precoce, é necessário um cenário de discussão sobre a temática da assistência de enfermagem a pessoas com autismo. Face ao exposto, o profissional deve saber sobre as características que a criança autista apresentará, principalmente durante a puericultura, onde o enfermeiro é o principal elo entre a criança, os pais e a equipe multidisciplinar (FILHO SANTOS *et al.*, 2020).

A assistência da enfermagem é importante na descoberta do autismo. Durante a consulta de enfermagem ao se avaliar o crescimento e desenvolvimento infantil, a percepção do enfermeiro auxiliará na descoberta precoce do TEA. É fundamental que o enfermeiro tenha conhecimento para avaliar os sinais e sintomas, para que haja uma intervenção satisfatória no tratamento e melhora do paciente (MELO *et al.*, 2016).

Um dos principais instrumentos utilizados é o Checklist for Autism in Toddlers (CHAT). O CHAT é uma ferramenta de triagem inicial projetada para ser aplicada em crianças pequenas, geralmente com idades entre 18 e 24 meses. Ele consiste em uma série de perguntas destinadas aos pais, bem como observações diretas da criança, visando identificar sinais precoces de autismo. Esta ferramenta tem sido amplamente adotada devido à sua simplicidade e eficácia na triagem inicial (ROBINS *et al.*, 2019).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Academia Americana de Pediatria recomenda que todas as crianças entre 18 e 24 meses passem por uma triagem para TEA, mesmo aquelas crianças que não apresentam nenhuma suspeita de TEA ou outros transtornos, desvios e atrasos do desenvolvimento. Para isso eles utilizam uma escala chamada Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT), a qual já foi traduzida e validada no Brasil.

Outro instrumento amplamente utilizado é o Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS). O ADOS é uma avaliação semi-estruturada baseada na observação, que é utilizada para avaliar a comunicação, interação social e brincadeira em indivíduos suspeitos de TEA. O ADOS é considerado um padrão-ouro para o diagnóstico de autismo, sendo utilizado tanto em crianças quanto em adultos. Ele consiste em uma série de atividades estruturadas e semi-estruturadas que permitem ao profissional de saúde observar comportamentos relevantes para o diagnóstico de autismo (LORD *et al.*, 2018).

O Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) é outro instrumento essencial utilizado pela enfermagem. O ADI-R é uma entrevista estruturada que abrange o histórico de desenvolvimento da criança, seus comportamentos atuais e passados, e outras áreas de preocupação. A entrevista é conduzida com os pais ou cuidadores e é baseada em critérios diagnósticos do DSM-IV e CID-10. O ADI-R é particularmente útil para diagnósticos diferenciais e para obter uma compreensão abrangente do desenvolvimento da criança (RUTTER et al., 2018).

O diagnóstico é clínico, feito por indicadores, por meio de observações comportamentais e relatos quanto ao histórico do desenvolvimento, guiado por critérios universais e descritivos com base em teorias do desenvolvimento e das neurociências (FERNANDES *et al.*, 2020).

## **2.6 CAUSAS**

As evidências encontradas apontam para múltiplas áreas encefálicas anormais que teriam algum tipo de relação com a neuropatologia do transtorno. Diversos achados foram publicados na tentativa de compreender o TEA, como por exemplo: redução do tamanho do sistema límbico (responsável pelo controle emocional); alterações na amígdala (estrutura ligada as reações emocionais) e maior volume do hipocampo; alterações do corpo caloso (elo de ligação entre os hemisférios cerebrais); diminuição sináptica na amígdala; redução ou aumento de determinadas áreas, dentre outros (DUARTE *et al.*, 2021).

Apesar das pesquisas ainda não terem apontado uma causa definitiva do TEA, entende-se que há uma forte relação com a genética. Não se identificou um gene ou área específicos relacionados a manifestação do TEA, contudo, o que se entende é que há múltiplas alterações e traços gênicos relacionados ao transtorno. Estudos mais amplos do genoma associaram aproximadamente 354 marcadores genéticos, localizados em oito regiões dos seguintes cromossomos: 2, 4, 7, 10, 13, 16, 19 e 22 (COUTINHO; BOSSO, 2015).

## **2.7 TRATAMENTO**

Importante ressaltar que o processo do psicodiagnóstico é um instrumento importante para a investigação e constatação da anormalidade. Envolve técnicas, interpretações, levantamentos de informações pertinentes, análises e hipóteses que permitam confirmar ou descartar o diagnóstico para TEA. Trata-se de um processo com base científica, com perguntas específicas, cujas respostas moldam a

constatação final do problema ou não. Destaca-se ainda que a avaliação médica não se torna menos importante, sendo necessárias para complementar e melhorar a dinamicidade do diagnóstico (SANTOS, 2017).

O tratamento para o autismo requer um caráter multidisciplinar que englobe diagnóstico precoce, terapias comportamentais, escolares e familiares. Pois estas atividades podem diminuir os sintomas e oferecer base para o desenvolvimento e o aprendizado do paciente autista (ARAÚJO, 2020).

A equipe multidisciplinar realiza avaliações abrangentes para o diagnóstico de TEA, utilizando instrumentos padronizados e entrevistas clínicas. Psicólogos e psiquiatras são os principais responsáveis por esta fase, com a colaboração de fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais para avaliações adicionais de linguagem e habilidades motoras (ALVES et al., 2018).

Os terapeutas comportamentais, incluindo analistas do comportamento, aplicam intervenções baseadas em evidências, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Estas intervenções são projetadas para melhorar a comunicação, habilidades sociais e comportamentos adaptativos, além de reduzir comportamentos desafiadores (SILVA; SANTOS, 2020).

Enfermeiros e médicos garantem o acompanhamento da saúde geral das crianças com TEA, monitorando o desenvolvimento e tratando condições médicas associadas. Eles também são responsáveis por realizar consultas de Crescimento e Desenvolvimento (CD) para detectar precocemente qualquer problema adicional (OLIVEIRA et al., 2022).

Os terapeutas ocupacionais trabalham com crianças para melhorar habilidades motoras finas e grossas, coordenação e independência nas atividades diárias. Eles utilizam atividades lúdicas e estruturadas para promover o desenvolvimento físico e cognitivo (PEREIRA; COSTA, 2023).

Apesar de não existir um remédio específico para a pessoa autista, o uso de medicamentos geralmente, é importante para controlar a insônia, hiperatividade ou desatenção. Deste modo, as intervenções clínicas são uma forma de diminuir ou melhorar manifestações autísticas e investir na qualidade de vida desses indivíduos. Para isso são realizadas distintas orientações, de diversos níveis de abrangência, com foco nas terapias individual, psicanalítica e orientação cognitiva. Desse modo, são utilizados meios para ajudar a pessoa autista a atingir um repertório mais

funcional e assim diminuir os diversos distúrbios de conduta (BARBOSA; NUNES, 2019). Nesse sentido, quanto mais cedo for a identificação do TEA, melhor será a probabilidade das intervenções terapêuticas apresentarem um resultado favorável para que a criança tenha sua autonomia (NASCIMENTO et al., 2018).

Magalhães et al. (2020) salientam que o cuidado para o portador de TEA implicam na assistência integral, visando a humanização e acolhimento, em que os pais, bem como, os cuidadores devem ser inseridos dentro do contexto do cuidado, evidenciado pela empatia aos envolvidos. Portanto, recursos diferenciados devem ser utilizados para envolver os pacientes com TEA para favorecer o tratamento na Atenção Básica.

Embora não exista cura para o TEA, o tratamento tem por objetivo contribuir para que os (as) pacientes alcancem sua independência na realização das atividades diárias (BARBOSA; NUNES, 2019).

## **2.8 ASSISTÊNCIA AO PACIENTE COM TEA E PAPEL DO ENFERMEIRO NO DIAGNÓSTICO.**

Os CERs são unidades de atendimento multiprofissional que realizam diagnóstico, acompanhamento e reabilitação para pessoas com deficiências, incluindo TEA. Esses centros oferecem terapias ocupacionais, fisioterapias, fonoaudiologia, e apoio psicossocial. Com a recente inclusão do TEA na Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência, os CERs passaram a receber um aporte adicional para custeio dos cuidados especializados para autistas (Ministério da Saúde, 2023).

As APAEs oferecem suporte educativo e terapêutico para crianças com TEA. Elas proporcionam programas de intervenção precoce, educação especial, fisioterapia, terapia ocupacional, e fonoaudiologia. Além disso, as APAEs promovem a inclusão social e a integração das crianças com TEA na comunidade (FERREIRA et al., 2020).

No Brasil, a assistência a crianças com TEA na primeira infância é fornecida por uma rede de serviços que inclui os Centros de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi), escolas inclusivas, e serviços de reabilitação. Estes centros oferecem um atendimento multidisciplinar que envolve psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e educadores especializados. A implementação de políticas públicas e programas de apoio tem sido crucial para garantir um atendimento integral e de qualidade para as crianças com TEA (FERREIRA et al., 2020).

As escolas e centros de educação especial no Brasil implementam Programas Educacionais Individualizados (PEI) para alunos com TEA. Esses programas incluem adaptações curriculares, uso de tecnologia assistiva, e suporte de educadores especializados. A integração entre a rede educacional e os serviços de saúde é essencial para garantir um atendimento integral e eficaz (SILVA et al., 2019).

A assistência de enfermagem voltada a crianças autistas demonstra relevante importância, uma vez que, se observa que os pais de crianças portadoras do referido distúrbio possuem maiores dificuldades no cuidado, devido as situações que envolvem os aspectos mentais, sociais e físicas, se apresentando, dessa forma, estressados (MARTINS *et al.*, 2021).

A assistência de enfermagem à criança denota especificidades uma vez que o profissional de enfermagem necessita estabelecer uma parceria com os pais da criança, para que juntos possam realizar o cuidado pleiteado. Em contraposição, cabe salientar que os pais, mediante o acompanhamento dos filhos denotam compartilham a responsabilidade da assistência (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Os enfermeiros também desempenham um papel crítico na coordenação do cuidado interdisciplinar para pacientes com TEA. Eles colaboram com outros profissionais de saúde, como médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, para garantir uma abordagem holística no tratamento do TEA (NASCIMENTO; SILVA, 2020). Além disso, os enfermeiros estão envolvidos na advocacia para políticas de saúde que promovam o acesso a serviços e suporte adequado para indivíduos com TEA e suas famílias, trabalhando para reduzir barreiras e promover a inclusão social e educacional (CARVALHO et al., 2021). Eles desenvolvem planos de cuidados personalizados que atendem às necessidades específicas de cada paciente, integrando intervenções multidisciplinares e estratégias para melhorar a comunicação e habilidades sociais e comportamentais (MOREIRA et al., 2020).

O elo entre o enfermeiro e a família é de grande relevância, para isso deve-se realizar uma escuta ativa e assistência de forma sistematizada. Com isso, o olhar do profissional deve ser desprovido de preconceito e atento às necessidades dos familiares e do autista, pois na maioria dos casos haverá dificuldade na comunicação oral do indivíduo acometido pelo TEA. O acolhimento do autista e familiares deve ser constituído de uma equipe multidisciplinar. O papel da equipe de enfermagem inclui a escuta qualificada, onde os pais/indivíduo falarão sobre suas experiências e o



enfermeiro lhes dará orientações e soluções. Diante disto é a partir do acolhimento, a realização da consulta de enfermagem e da coleta de dados, o enfermeiro identificará possíveis diagnósticos (FILHO SANTOS *et al.*, 2020).

A implementação de programas educativos voltados para profissionais de saúde é outra importante área de atuação dos enfermeiros. Eles participam da formação e atualização contínua de equipes de saúde sobre as melhores práticas e abordagens no manejo do TEA, assegurando que as intervenções sejam baseadas em evidências e culturalmente apropriadas (MARTINS e ALMEIDA, 2019). Além disso, enfermeiros realizam visitas domiciliares para monitorar o progresso dos pacientes, fornecer suporte adicional às famílias e adaptar os planos de cuidado conforme necessário (COSTA *et al.*, 2022).

A educação e o suporte às famílias são partes cruciais do trabalho do enfermeiro. Eles educam os pais e cuidadores sobre o TEA, fornecendo informações sobre o desenvolvimento da criança e estratégias para o manejo de comportamentos. Também oferecem suporte emocional e orientam sobre recursos disponíveis na comunidade (SANTOS e ALMEIDA, 2021). Enfermeiros atuam em diversos locais, como unidades básicas de saúde, centros de reabilitação, escolas inclusivas e hospitais, garantindo uma abordagem integral e contínua no cuidado ao paciente com TEA (FERREIRA *et al.*, 2022).

Nesse sentido, a atuação dos profissionais de saúde é essencial para além do diagnóstico, pois contempla uma perspectiva de atuar também na assistência aos pacientes com autismo. Por ter uma visão integral do ser humano e ser fundamentado teoricamente, o enfermeiro percebe com facilidade os sinais que identificam o Transtorno do Espectro Autista e dessa forma podem acompanhar e auxiliar a família que possui alguém diagnosticado com autismo. E assim oferecer suporte, encorajamento e tranquilidade ao focar no bem estar do paciente, além de esclarecer dúvidas e incentivar o tratamento e o acompanhamento a esse indivíduo, buscando desta forma a evolução em seu prognóstico (MELO *et al.*, 2016).

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL:**

- Evidenciar a assistência de enfermagem as crianças com transtorno do espectro autista.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Descrever o que a literatura científica traz a respeito da assistência de enfermagem junto à criança autista.
- Analisar o impacto das práticas de enfermagem dentro da literatura na promoção da autonomia e independência das crianças com TEA.
- Investigar as principais barreiras enfrentadas pela equipe de enfermagem na prestação de cuidados às crianças portadoras do transtorno do espectro autista.
- Explorar o papel da enfermagem na orientação e suporte às famílias de crianças com TEA, fornecendo informações e recursos necessários para o cuidado contínuo fora do ambiente clínico.

#### **4. METODOLOGIA**

##### **Tipo de estudo:**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, acerca da assistência da enfermagem em crianças dentro do transtorno do espectro autista.

De acordo com SOARES et al. (2013) uma revisão de literatura, como a revisão integrativa, é um método que busca sintetizar conhecimento e aplicar resultados de estudos relevantes na prática. O processo envolve definir um problema, estabelecer critérios para inclusão e exclusão de estudos, realizar busca nas bases de dados, extrair informações dos estudos selecionados, analisar criticamente os resultados e interpretá-los à luz do conhecimento teórico existente.

##### **Local e período do estudo:**

O levantamento bibliográfico ocorreu de julho de 2023 a maio de 2024, nas bases de dados PubMed, Google Acadêmico, LILACS, BVS e SciELO seguindo uma diretriz inicial de estudos aprofundados sobre o TEA por meio de revisão de literatura e participação em cursos específicos.

##### **Formulação do problema:**

A questão norteadora desta revisão integrativa é: "Quais as contribuições da prestação da assistência em enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista?" O estudo busca-rá compreender a assistência de enfermagem dentro do TEA, identificando ações voltadas para o cliente e família, práticas de promoção da autonomia e independência, e a importância da consulta de enfermagem no diagnóstico precoce. Tendo como base dois principais eixos: as práticas de enfermagem para crianças com TEA e o papel do enfermeiro na assistência à criança com o transtorno.

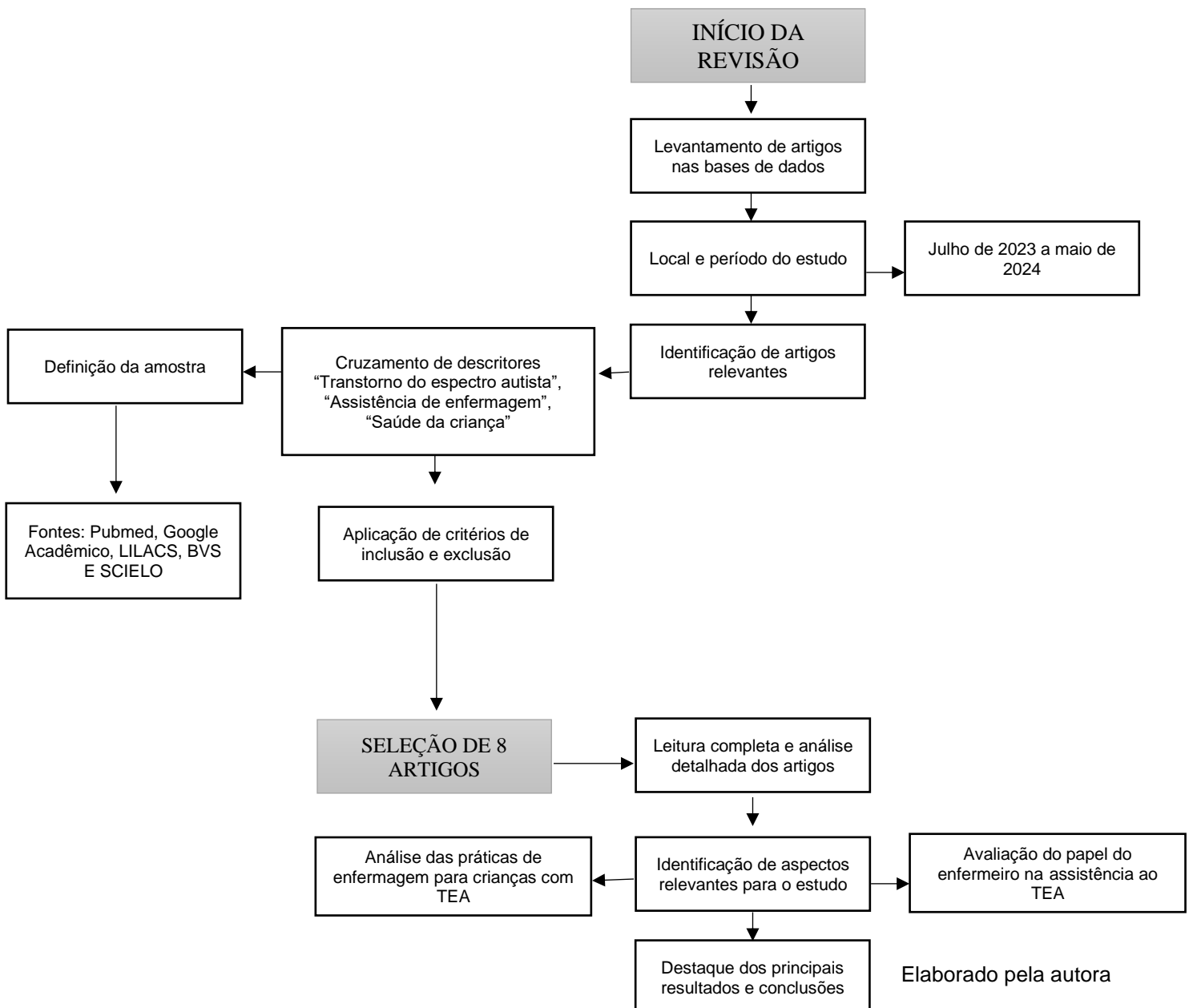
##### **Coleta de Dados:**

Os descritores utilizados foram "Transtorno do Espectro Autista", "Assistência de Enfermagem" e "Saúde da Criança", combinados com os operadores booleanos "AND" e "OR". Os critérios de seleção da amostra incluem artigos completos nos idiomas inglês, português e espanhol, publicados entre 2018 e 2024, e que abordem a temática proposta. O instrumento para coleta de dados será elaborado com base nas informações pertinentes aos artigos selecionados.

## Definição da amostra:

Após o levantamento e análise de artigos nas fontes PubMed, Google Acadêmico, LILACS, BVS, SciELO e Periódicos Capes, foram identificados 8 artigos relevantes para a pesquisa. Estas fontes foram escolhidas devido à sua reputação como bases de dados acadêmicas confiáveis e abrangentes, cobrindo uma ampla gama de literatura científica e médica. Os artigos selecionados abordam aspectos importantes relacionados à assistência de enfermagem ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), e foram submetidos a uma leitura completa e análise detalhada para fornecer uma compreensão mais valiosa para o estudo em questão.

Figura 1 - Fluxograma de seleção e exclusão dos artigos.



## 5. RESULTADOS

TÍTULO	ANO	AUTOR	CONTRIBUIÇÃO
<p><b>Autismo: uma revisão Integrativa.</b></p>	<p>2020</p>	<p>VIANA, <i>et al.</i></p>	<p>A pesquisa destacou a complexidade dos estudos sobre o autismo e suas características distintivas. A falta de clareza nas causas, aliada à escassez de recursos e informações, dificulta o início de tratamentos eficazes e acompanhamentos adequados. A identificação precoce do autismo é desafiada pela falta de recursos e conhecimento, impactando a eficácia das intervenções. Além disso, a severidade dos sintomas, o contexto socioeconômico da família e os serviços de saúde disponíveis influenciam no diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora a relevância do tema seja incontestável, a quantidade limitada de estudos científicos focados nas perspectivas dos familiares e cuidadores ainda é notável. A falta de tratamentos adequados persiste para os milhões de brasileiros afetados pelo autismo.</p>
<p><b>O QUE A SOCIEDADE</b></p>	<p>2020</p>	<p>DUARTE, <i>et al.</i></p>	<p>Neste estudo, foi examinado o</p>

<p><b>PRECISA SABER SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.</b></p>			<p>Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua importância crucial. Explorando as diferentes manifestações sintomáticas e os graus variados de incidência, ressaltando a singularidade de cada pessoa com autismo. Também destacando a relevância do diagnóstico precoce, com estudos evidenciando melhorias significativas no funcionamento cognitivo e na adaptação da criança, de acordo com a idade. Ressaltando que desde a primeira infância, o apoio familiar é essencial para os autistas, complementado por uma equipe multidisciplinar, o que resulta em um melhor desenvolvimento cognitivo e social. Salientando a colaboração entre família, profissionais de saúde e educadores para a melhoria do bem-estar do autista, tornando a sociedade mais inclusiva e acolhedora.</p>
<p><b>A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO NO DIAGNÓSTICO DO</b></p>	<p>2020</p>	<p>SANTOS-FILHO, <i>et al.</i></p>	<p>Foi evidenciado que apesar da importância, há escassez de publicações científicas sobre o papel do enfermeiro no</p>

<p><b>AUTISMO: uma revisão integrativa da Literatura.</b></p>			<p>diagnóstico precoce do TEA. A falta de conhecimento e capacitação da equipe é um desafio que dificulta o diagnóstico, apesar dos avanços. O enfermeiro desempenha um papel crucial, sendo o primeiro a interagir com a criança, acompanhando seu desenvolvimento. Ele deve estar atento aos sinais, mudanças comportamentais e relatos familiares, diferenciando o autismo de outras síndromes. Essa abordagem assegura assistência abrangente, conforto e segurança à criança e à família, encorajando-os a enfrentar os desafios da síndrome. Além disso, o enfermeiro deve identificar os sinais do autismo infantil e encaminhar para uma equipe multidisciplinar, garantindo cuidados abrangentes.</p>
<p><b>Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica.</b></p>	<p>2021</p>	<p>MARTINS <i>et al.</i></p>	<p>A pesquisa realizada evidencia a lacuna no conhecimento teórico sobre o autismo, prejudicando a assistência às pessoas com TEA. Destaca-se a necessidade de um cuidado abrangente para promover a</p>

			<p>autonomia e aliviar a sobrecarga dos pais e cuidadores. A compreensão adequada do autismo pelos profissionais de enfermagem é crucial para desenvolver estratégias e intervenções eficazes. O conhecimento científico também auxilia na formulação de diagnósticos de enfermagem e intervenções apropriadas, seguindo as políticas públicas. A pesquisa visa aprimorar a assistência na Atenção Básica, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças autistas e preenchendo a discrepância entre legislação e oferta de cuidados.</p>
<p><b>Atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde frente à criança com transtorno do espectro autista.</b></p>	2023	FREITAS <i>et al.</i>	<p>Foi demonstrado que o papel do Enfermeiro na Atenção Primária à Saúde é crucial para o diagnóstico precoce do TEA, mas o conhecimento limitado sobre o assunto devido à falta de abordagem durante a formação resulta em insegurança. Educação continuada é essencial para capacitar os enfermeiros e suas equipes, garantindo atendimento seguro e</p>



			<p>preparado para lidar com crianças com TEA. A presença constante na vida das famílias, com o auxílio da tecnologia, é destacada. Fortalecendo o ponto que educação continuada não beneficia apenas famílias com TEA, mas também a comunidade em geral, desmistificando o tema em um país onde a informação sobre o assunto é escassa.</p>
<p><b>A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura.</b></p>	2021	SILVA <i>et al.</i>	<p>Esta pesquisa abordou o autismo, seus sintomas e o impacto nas famílias. Analisou a assistência de enfermagem a pacientes autistas e as práticas dos enfermeiros. Baseada em três bancos de dados, abrangendo 20 anos e crianças de 18 meses a 10 anos, os principais sintomas foram dificuldades na interação social e comunicação, afetando as famílias. Familiares enfrentam desafios mentais devido ao cuidado constante. Os enfermeiros desempenharam papéis cruciais, identificando a síndrome, apoiando famílias e usando a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) para intervenções. A</p>

			<p>pesquisa ressaltou a falta de literatura sobre práticas de enfermeiros com autistas, por falta de experiência e interesse. Enfatizou a necessidade de capacitação dos enfermeiros para melhor atendimento, considerando a demanda crescente. A capacitação é vital para cuidados eficazes e humanizados aos pacientes autistas e famílias, abordando plenamente suas necessidades.</p>
<p><b>ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.</b></p>	<p>2021</p>	<p>RODRIGUES, <i>et al.</i></p>	<p>O estudo demonstrou que a Enfermagem desempenha um papel importante na detecção e assistência ao TEA. Contudo, a participação dos profissionais nesse processo é limitada devido à falta de capacitação e insegurança ao lidar com pacientes e famílias. Devido à complexidade do tema e à escassez de pesquisa embasando o conhecimento técnico-científico, há a necessidade de novos estudos. Além disso, foi destacada a importância de técnicas de capacitação aprimoradas para diagnóstico precoce e</p>

			intervenções, visando tanto o paciente com TEA quanto sua família.
<b>IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO AUTISMO.</b>	2018	MELO, <i>et al.</i>	<p>O enfermeiro desempenha um papel crucial no diagnóstico e assistência a pacientes com suspeita de autismo. Com base em conhecimento teórico e visão holística, o enfermeiro identifica sinais do Transtorno do Espectro Autista. Além disso, oferece apoio às famílias, promovendo bem-estar, orientação, encorajamento e acompanhamento adequado. Dado o pouco debate sobre o autismo na sociedade, é necessário investimento e treinamento para enfermeiros que cuidam desses pacientes. O diagnóstico precoce é fundamental para rápida adaptação das crianças e de suas famílias. Recomenda-se a criação de programas de capacitação e uma cartilha informativa sobre o autismo para melhorar a qualidade de vida dos afetados.</p>

## 6. DISCUSSÕES

O TEA refere-se a uma série de condições relacionadas ao dano no desenvolvimento neurológico, e, caracterizado por comportamento repetitivo, comprometimento na fala, nas habilidades sociais e na comunicação não verbal. Além disso, os pacientes com TEA podem apresentar uma série de outras comorbidades, dentre as quais: hiperatividade, distúrbios de sono e gastrointestinais, e epilepsia (VIANA et al, 2020).

DUARTE et al. (2020) também mencionam as características do TEA, a questão neurofisiológica do TEA é um ponto emblemático. Pelo fato de ser um distúrbio do neurodesenvolvimento, poderia se supor que houvesse algum indício mais claro, ou pelo menos, mais padronizado de suas causas neurológicas. O autismo é uma síndrome que engloba múltiplas etiologias ainda não comprovadas e em diferentes graus de severidade. Desse modo, os estudos realizados abrangem apenas uma parte do transtorno, sendo que sua complexidade impossibilita, até o momento, uma demarcação exata que defina as sub-regiões, ou ainda os núcleos que estão envolvidos no distúrbio.

O diagnóstico do TEA é acompanhado por inúmeras características, podendo incluir movimentos repetidos e estereotipados, sensibilidade sensorial e alterações de linguagem, o autismo ainda é pouco conhecido pelos profissionais da saúde sendo que por vezes baseado no estereótipo de autistas que não verbalizam e ficam se balançando. Sendo a importância da consulta de enfermagem, o profissional enfermeiro necessita da utilização de métodos para uma triagem sendo os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil - IRDI um dos métodos utilizados, assim como a Modified Checklist for Autism in Toddlers M-CHAT ambos visam detectar precocemente através do desenvolvimento infantil alguns atrasos, permitindo uma intervenção dentro do marco do desenvolvimento para que assim a criança tenha a possibilidade de se desenvolver com o menor dano possível (FREITAS et al., 2023).

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) possui esta classificação de “espectro” porque possui uma vasta variedade de manifestações da do transtorno, admitindo distintos graus de gravidade. O TEA é compreendido por três níveis importantes de gravidade de sujeição infantil, no primeiro nível a criança necessita de apoio, nele é observado uma grande dificuldade nas interações sociais e de planejamento, no nível dois a maior dificuldade é a comunicação verbal e não verbal e apresentam comportamentos repetitivos e restritos, no nível três é necessário um

grande amparo principalmente pela dificuldade de encarar mudanças e comunicação (RODRIGUES *et al.*, 2021).

Existe uma forte corrente que aponta para a necessidade de melhorias no diagnóstico do TEA, que deve ocorrer o mais precocemente possível para que as intervenções também ocorram nessa proporção. As dificuldades são justificadas pela subjetividade do TEA, no qual cada indivíduo apresenta um tipo de comportamento e níveis diferentes de manifestação do quadro. Não há exames laboratoriais para determinação prévia do TEA e, com isso, as suspeitas são evidenciadas, primeiramente, pela família (VIANA *et al.*, 2020).

DUARTE *et al.* (2020) reforçam que, no Brasil as famílias ainda encontram a dificuldade da falta de preparo de vários profissionais para realizar o diagnóstico correto da TEA. Com isso, os pais também são muitos afetados com a dificuldade na busca por um tratamento adequado aos seus filhos, já que, quanto mais se retarda o diagnóstico, menor será o entendimento da família no cuidado com os indivíduos com TEA dentro do ambiente familiar. Pelo fato de a origem do autismo ser pouco definida, os pais têm uma tendência a expressar sentimentos negativos e complexos diante da necessidade de busca por respostas que expliquem as anormalidades observadas em seus filhos. A fim de dar sentido para o que está acontecendo com seu filho, essas dificuldades enfrentadas podem gerar sentimentos confusos.

A primeira infância é marcada por várias etapas, sendo elas o amadurecimento e desenvolvimento psicossocial e emocional do ser humano. Dentro dessas etapas há o crescimento e desenvolvimento infantil no qual há diversas mudanças sendo nessa fase possível perceber alguns atrasos no desenvolvimento e nesse contexto está incluso o Transtorno do Espectro Autista (FREITAS *et al.*, 2023).

O enfermeiro pode contribuir positivamente no diagnóstico do TEA, através das consultas de Crescimento e Desenvolvimento (CD) verificando sinais e sintomas de atraso no crescimento e desenvolvimento da criança. Portanto a assistência de enfermagem é de grande relevância, pois ao atender um paciente com TEA, assume uma postura educacional, auxiliando na compreensão dos pais e responsáveis sobre o diagnóstico, ensinando técnicas para incentivar o desenvolvimento cognitivo e motor, bem como no reconhecimento de sinais e sintomas para o diagnóstico precoce (RODRIGUES *et al.*, 2021).

O enfermeiro como profissional possui papel fundamental no cuidado do autismo infantil, estando sempre atento aos sinais e sintomas que a criança venha apresentar,

com suspeita da patologia, durante o exame físico, assim, identificando alguma alteração disfuncional, alertando os pais e o mais rápido possível prestando a assistência de enfermagem a essa família, lhes dando apoio e informações sobre a síndrome, tirando as dúvidas dos mesmos e orientando como proceder daqui para frente (SILVA *et al.*, 2021).

Existem diferentes métodos de tratamentos que podem ser escolhidos e utilizados pela família de pessoas com autismo. O que se deve dar enfoque é na qualidade de tais tratamentos e na capacidade de desenvolver no autista, melhores habilidades funcionais e também que possibilite ressaltar suas potencialidades (DUARTE, *et al.*, 2020).

SANTOS FILHO *et al.* (2020) enfatizam que o papel da equipe de enfermagem inclui a escuta qualificada, onde os pais/indivíduo falarão sobre suas experiências e o enfermeiro lhes dará orientações e soluções. Diante disto é a partir do acolhimento, a realização da consulta de enfermagem e da coleta de dados, o enfermeiro identificará possíveis diagnósticos.

A sensibilidade e o zelo no trato com a família desses pacientes são fatores primordiais para que se façam as considerações necessárias, de maneira clara, objetiva, mas também cuidadosa. Entretanto, de acordo com os familiares, esse diagnóstico muitas vezes é relatado de maneira rápida, direta e fria, sem elaboração ou explicação sobre o problema, mesmo quando realizado por profissionais experientes (VIANA *et al.*, 2020).

É comum a família do autista apresentar dificuldades em elaborar suas ações após o diagnóstico, já que eles passam por um período de “luto” da criança que eles idealizaram. Porém, é necessário que se busque e escolha um tratamento que realmente seja eficiente, pois o TEA irá acompanhar o indivíduo por toda sua vida e os resultados desse tratamento podem ser variáveis. Os resultados dependem do nível e da capacidade de comprometimento de cada indivíduo no processo e os métodos de tratamentos devem ser flexíveis, visto que o autista como indivíduo é único e dotado de sua singularidade. É fundamental que a família participe ativamente do tratamento e de todo o processo que inclui mudanças ao longo do ciclo de vida do indivíduo com TEA, além de atuar na desconstrução de mitos e rótulos criados sobre esse transtorno (DUARTE, *et al.*, 2020).

A enfermagem como profissão interativa, pode contribuir para o movimento de humanização da atenção hospitalar, incentivar o trabalho interdisciplinar, desenvolver

o espírito crítico na abordagem do fenômeno saúde-doença. Além de executar técnicas e procedimentos, inclui assessoramento às famílias em suas dúvidas, apoio às suas iniciativas e, constante, estímulo às suas práticas de cuidado a partir da visão interdisciplinar (MARTINS *et al.*, 2021).

MARTINS *et al.* (2021) e MELO *et al.* (2016) abordam que a humanização contempla o cuidado de forma ampla e complexa, contudo, quando se trata do paciente infantil, observa-se resistência e maior dificuldade por parte dos familiares adultos que demonstram constante insegurança em relação ao tratamento e a assistência de enfermagem. O papel do enfermeiro não se restringe a executar técnicas e procedimentos, ele deve desenvolver a habilidade de comunicação que satisfaça a necessidade do paciente, pois esta é uma ferramenta que garante a qualidade do processo de cuidar. É também seu papel, orientar a família a se comunicar com a criança no ambiente domiciliar, para estimulá-la a interagir com aqueles que com ela convivem. O desenvolvimento da capacidade comunicativa é capaz de mudar os hábitos da criança, integrá-la à sociedade e, com isso, melhorar sua qualidade de vida, permitindo que ela leve uma vida bem próxima ao normal.

Um entrave na atuação do enfermeiro na assistência aos pacientes autistas é o despreparo técnico ou emocional, que geram dúvidas no atendimento e acolhimento necessário ao paciente e sua família. Realidade essa que pode ser pela falta de informação e preparo durante a graduação e Instituições de Ensino, tornando-se evidente quando atuam como profissionais (RODRIGUES *et al.*, 2021).

O autismo é pouco discutido na sociedade, dessa forma, é preciso maior investimento sobre o tema para fornecer melhor condução dos casos. É importante o diagnóstico precoce de crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista, em busca de uma adaptação mais rápida tanto da criança quanto das pessoas que convivem com elas. Diante dessa máxima, são necessários programas de treinamento para enfermeiros que estão diretamente ligados a esse público infantil (MELO *et al.*, 2016).

No Brasil as famílias ainda encontram a dificuldade da falta de preparo de vários profissionais para realizar o diagnóstico correto da TEA. Com isso, os pais também são muitos afetados com a dificuldade na busca por um tratamento adequado aos seus filhos, já que, quanto mais se retarda o diagnóstico, menor será o entendimento da família no cuidado com os indivíduos com TEA dentro do ambiente familiar. Pelo fato de a origem do autismo ser pouco definida, os pais têm uma tendência a

expressar sentimentos negativos e complexos diante da necessidade de busca por respostas que expliquem as anormalidades observadas em seus filhos. A fim de dar sentido para o que está acontecendo com seu filho, essas dificuldades enfrentadas podem gerar sentimentos confusos (DUARTE, *et al.*, 2020).

Diante do TEA, o fato do acometimento ser na área do desenvolvimento acredita-se que, a escassez e limitações de estudos referentes ao tema ainda é um ponto dificultoso para os profissionais que realizam o diagnóstico clínico final. Além desta patologia possuir vários sinais e sintomas semelhantes e apresenta-se de várias formas podendo inclusive mimetizar outros transtornos e vice-versa (SANTOS-FILHO, *et al.*, 2020).

Portanto, o Enfermeiro é indispensável pois por vezes esse é o primeiro profissional que a família tem contato e tendo como vista o acolhimento familiar e prestando assistência principalmente na escuta dos familiares servindo como um elo entre a família e a equipe multiprofissional (FREITAS *et al.*, 2023).



## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, entende-se que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa e diversificada que afeta o desenvolvimento neurológico, apresentando uma ampla gama de características, como comportamentos repetitivos e dificuldades na comunicação e interação social. A sensibilidade dos profissionais de saúde desempenha um papel crucial na identificação precoce.

No Brasil, a falta de preparo de profissionais de saúde pode dificultar o diagnóstico e tratamento adequados, colocando um ônus nas famílias. A enfermagem desempenha um papel relevante na identificação precoce e no apoio às famílias, fornecendo informações, ensinando técnicas e sendo um elo vital no processo. A humanização do cuidado nesse momento é essencial, pois as famílias muitas vezes enfrentam resistência e insegurança. A comunicação eficaz entre profissionais de saúde, crianças com TEA e suas famílias é fundamental para melhorar a qualidade de vida dessas crianças e sua integração na sociedade. Portanto, a sensibilidade, o conhecimento e o apoio dos profissionais de saúde desempenham um papel fundamental no manejo do TEA.

Complementarmente, a enfermagem tem um papel vital na promoção da autonomia e independência das crianças com TEA. Os enfermeiros trabalham para desenvolver habilidades funcionais que permitam às crianças realizarem atividades diárias com maior independência, promovendo assim sua inclusão social e escolar.

Além disso, a enfermagem desempenha um papel crucial na orientação e suporte às famílias de crianças com TEA, fornecendo informações e recursos necessários para o cuidado contínuo fora do ambiente clínico. Os enfermeiros oferecem apoio emocional, ensinam técnicas de manejo comportamental e ajudam as famílias a navegar pelos serviços de saúde e educação, contribuindo para a criação de um ambiente de apoio e compreensão.

Em conclusão, para que a assistência de enfermagem às crianças com TEA seja verdadeiramente eficaz, é imprescindível investir na educação contínua dos profissionais de saúde, promover políticas de suporte robustas e fortalecer a comunicação entre todos os envolvidos no cuidado. Dessa forma, será possível melhorar significativamente a qualidade de vida das crianças com TEA e suas famílias, promovendo uma inclusão mais efetiva na sociedade.

## 8. REFERÊNCIAS

- ALTAY M. A. (2019). **Family Physicians' Awareness of Autism Spectrum Disorder: Results from a Survey Study**. *Open access Macedonian journal of medical sciences*, 7(6), 967–972. <https://doi.org/10.3889/oamjms.2019.199>
- ALVES, M. J.; SOUZA, L. M.; BARROS, P. F. **Avaliação diagnóstica do transtorno do espectro autista: um olhar multidisciplinar**. *Revista de Psicologia Clínica*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 415-429, 2018.
- ARAÚJO, Milena Gonçalo de. **O PAPEL DO ENFERMEIRO NO APOIO À CRIANÇA AUTISTA**. 2020. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação de Enfermagem, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, 2020.
- BARBOSA, P. A. S; NUNES, C. R. **A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo**. *Linkscienceplace*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-18, jul/set. 2019. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/718>.
- BRASIL. **Lei nº 13.861**, de 18 de julho de 2019. Altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. Brasília, 2019. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm).
- BROWN, C.; WILSON, D. **Pediatricians' Approach to Diagnosing and Managing Autism Spectrum Disorders**. *Pediatrics*, v. 144, n. 2, p. e20183456, 2019.
- CARVALHO, L. S.; SOUZA, R. M.; MEDEIROS, D. S. **Advocacia e políticas de saúde para indivíduos com TEA**. *Revista de Políticas de Saúde Pública*, Brasília, v. 27, n. 1, p. 45-58, 2021.
- COSTA, L. G. da et al. **Trends in the prevalence of autism spectrum disorder in the Northeast region of Brazil**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2023.
- COSTA, M. R.; PEREIRA, L. T.; RIBEIRO, A. G. **Visitas domiciliares no acompanhamento de crianças com TEA**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 75, n. 5, p. 1024-1031, 2022.
- COUTINHO, João Vítor Soares Coriolano; BOSSO, Rosa Maria do Vale. **Autismo e genética: uma revisão da literatura**. *Revista científica do ITPAC*, Araguaína, v. 8, n. 1, pub. 4, jan. 2015.
- DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DE PEDIATRIA DO DESENVOLVIMENTO E COMPORTAMENTO. **Transtorno do Espectro do Autismo - Manual de Orientação**. *Sociedade Brasileira de Pediatria*, v. 05, p. 60, 2019.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 10ª edição, 5ª reimpressão (1ª edição: 1984).

DUARTE, Maria Mônica Venancia; FARIA, Hila Martins Campos. **ESTRESSE PARENTAL E AUTISMO**. Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 290-307, dez. 2020.

DUARTE, Vinícius Eduardo Santos et al. **O QUE A SOCIEDADE PRECISA SABER SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. Revista Projetos Extensionistas, Pará de Minas, v. 1, n. 2, p. 173-183, dez. 2021.

DURATE, Juliana Cáu. **AUTISMO: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE OU DIFERENÇA?**. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), 2012, São Paulo. Anais.

EVANGELHO, Victor Gustavo Oliveira et al. **Autismo no Brasil: uma revisão sobre estudos em neurogenética**. Revista Neurociências, [S.L.], v. 29, p. 1-20, 11 nov. 2021. Universidade Federal de São Paulo. <http://dx.doi.org/10.34024/rnc.2021.v29.12440>.

FERNANDES, Conceição Santos et al. **Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas**. Psicologia Usp, Rio de Janeiro, v. 31, p. 1-10, 22 set. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e200027>.

FERREIRA, R. T.; MENDES, A. C.; PEREIRA, S. V. **Intervenções educacionais para crianças com TEA: práticas e desafios**. Revista Brasileira de Educação Especial, Brasília, v. 25, n. 4, p. 355-370, 2020.

JOHNSON, C. P.; MYERS, S. M. **Identification and Evaluation of Children With Autism Spectrum Disorders**. Pediatrics, Itasca, v. 120, n. 5, p. 1183-1215, 2018.

KANNER, L. **Autistic disturbances of affective contact**. Nervous Child, Baltimore, v. 2, p. 217-250, 1943.

LYALL, K. et al. **The changing epidemiology of autism spectrum disorders**. Annual review of public health, v. 48, p. 237-257, 2021.

LORD, Catherine et al. **"The Autism Diagnostic Observation Schedule—Generic: A Standard Measure of Social and Communication Deficits Associated with the Spectrum of Autism"**. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 49, n. 2, p. 352-365, 2018.

MAENNER, M. J. et al. **Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018**. MMWR Surveillance Summaries, v. 69, n. 4, p. 1-12, 2020.

MAGALHÃES, J. L. et al. **Assistência de Enfermagem à criança autista: revisão integrativa**. Revista Enfermagem Global. Espanha, v. 19, n. 2, p. 541-549, abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.um.es/eglobal/article/view/356741>.

MARTINEZ, E. et al. **Psychological Interventions for Children with Autism Spectrum Disorders: A Review of the Evidence**. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 50, n. 11, p. 3877-3892, 2020.

MARTINS, A. C.; ALMEIDA, R. S. **Programas educativos para profissionais de saúde no manejo do TEA.** Journal of Nursing Education, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 325-336, 2019.

MARTINS, Rosilda Azevedo *et al.* **Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica / Nurse's assistance to autistic children in basic care.** Brazilian Journal Of Health Review, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 12193-12206, 2 jun. 2021. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv4n3-198>.

MELO, Camila Alves de *et al.* **IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO AUTISMO.** Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem, Quixadá, v. 2, n. 2, p. 0-0, dez. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **LINHA DE CUIDADO PARA A ATENÇÃO ÀS PESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO E SUAS FAMÍLIAS NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE.** Brasília. 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares.** Revista de Saúde Pública, Brasília, 2023. Disponível em: (<https://www.gov.br>).

MORAES, Thiago Perez Bernardes de. **Autismo: entre a alta sistematização e a baixa empatia. Um estudo sobre a hipótese de hiper masculinização do cérebro no espectro autista.** Revista Pilquen. Sección Psicopedagogía, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1–19, 2018. Disponível em: <https://revele.uncoma.edu.ar/index.php/psico/article/view/2094>.

MOREIRA, T. N.; RODRIGUES, L. S.; MENDES, D. S. **Planejamento de cuidados individualizados para crianças com TEA.** Jornal de Pediatria, São Paulo, v. 96, n. 5, p. 674-681, 2020.

NASCIMENTO, P. F.; SILVA, M. J. **Coordenação do cuidado interdisciplinar para pacientes com TEA.** Revista de Saúde Interdisciplinar, Belo Horizonte, v. 35, n. 2, p. 189-196, 2020.

NASCIMENTO, R. *et al.* **Prevalência e perfil de crianças com transtorno do espectro do autismo no Nordeste do Brasil.** Revista Saúde Pública, v. 54, p. 1-8, 2020.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. *et al.* **Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia da saúde da família.** Revista baiana enfermagem. Salvador, v. 32, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>.

OLIVEIRA BDC *et al.* **Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2017, p.707-726. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-73312017000300707&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-73312017000300707&lng=pt&nrm=iso).

OLIVEIRA, G. R.; LOPES, E. C.; MARTINS, J. F. **A importância dos cuidados**

**de saúde primária para crianças com TEA.** Journal of Pediatric Nursing, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 172-184, 2022.

REIS, S. T.; LENZA, N. **A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura.** Revista Atenas Higeia, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1 - 7, 2019. Disponível em: <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>.

RIBEIRO, Lucia de Oliveira *et al.* **SIMULAÇÃO REALÍSTICA PARA PROFISSIONAIS DA SAÚDE E EDUCAÇÃO QUE LIDAM COM AUTISMO.** 2022. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso Técnico em Enfermagem, Escola Técnica Professor Massuyuki Kawano, Tupã, 2022.

ROBINS, Diana L. *et al.* **"Validation of the Modified Checklist for Autism in Toddlers, Revised with Follow-Up (M-CHAT-R/F)."** Pediatrics, v. 133, n. 1, p. 37-45, 2019.

RODRIGUES, Maria do Rosário Campelo *et al.* **Assistência de Enfermagem a pacientes com Transtorno do Espectro Autista.** Rev Bras Interdiscip Saúde - ReBIS. 2021; 3(4):75-9.

ROSA, Leticia Fagundes da. **O BRINCAR DAS CRIANÇAS AUTISTAS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA.** 2021. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Psicologia., Centro Universitário Unifaat, Atibaia, 2021.

RUTTER, Michael; LE COUTEUR, Ann; LORD, Catherine. **"Autism Diagnostic Interview-Revised."** Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 48, n. 3, p. 343-357, 2018.

SANTOS, F. R.; ALMEIDA, R. S. **Educação e suporte às famílias de crianças com TEA.** Revista de Enfermagem e Saúde Mental, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 210-219, 2021.

SANTOS JÚNIOR, Wilson Claudino dos. **AUTISMO INFANTIL E A ENFERMAGEM: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.** 2007. 31 f. Monografia (Especialização) - Curso de Enfermagem, Uniceub - Centro Universitário de Brasília., Brasília, 2007.

SANTOS, R. A. **Qual a importância do diagnóstico e tratamento precoce no transtorno do espectro autista: TEA?** 2017. 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Faculdades Atibaia.

SANTOS-FILHO, M. C. DOS *et al.* **A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO NO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO: uma revisão integrativa da literatura.** Psicologia e Saúde em Debate, v. 6, n. 2, p. 235–245, 22 out. 2020.

SERBAI, F., PRIOTTO, E., PALMA, M. T. **Autismo na Adolescência uma Revisão Integrativa da Literatura.** Educação em Revista, 37, 2021.

SILVA, D. A.; SANTOS, R. B. **Análise do Comportamento Aplicada no tratamento de TEA: evidências e práticas.** Journal of Applied Behavior Analysis, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 112-126, 2020.

SILVA, P. R. F. da et al. **Prevalência do transtorno do espectro do autismo em crianças na região Nordeste do Brasil.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, v. 29, n. 3, p. 377-384, 2018.

SILVA, Samira Hellen Greco Mendes *et al.* **A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura.** Scire Salutis, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 36-45, 5 nov. 2020. Companhia Brasileira de Produção Científica. <http://dx.doi.org/10.6008/cbpc2236-9600.2021.001.0004>.

SMITH, A.; JONES, B. **The Role of Nurses in the Early Identification and Management of Autism Spectrum Disorders in Children.** Journal of Pediatric Nursing, v. 42, p. 1-8, 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Triagem precoce para Autismo/Transtorno do Espectro Autista.** Rio de Janeiro: Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, SBP; 2017.

SOELTL, SB.; FERNANDES, IC; CAMILLO, S. de O. **O conhecimento da equipe de enfermagem sobre transtornos autistas em crianças à luz da teoria do cuidado humano.** ABCS Ciências da Saúde, [S. l.], v. e021206, 2021. DOI: 10.7322/abcshs.2019101.1360.

STEFFEN, . F. .; DE PAULA, . F. .; MARTINS, . M. F. .; LÓPEZ, . L. . **DIAGNÓSTICO PRECOCE DE AUTISMO: UMA REVISÃO LITERÁRIA.** REVISTA SAÚDE MULTIDISCIPLINAR, [S. l.], v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91>.

SULKES, Stephen Brian. **Transtornos do Espectro Autista.** 2020. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/ptbr/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtornos-do-espectro-autista>.

TELES, Perolina Souza. CRUZ, Cândida Luiza Pinto. **A prática esportiva como instrumento de inclusão: um estudo de caso sobre aprendizagem e desenvolvimento de aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** In: 8º Encontro Internacional de Formação de Professores. v.11. n.1. p.1-11. 2018.

VALLEJOS, Eduardo; TOSTA, Rosa Maria. **Vicissitudes do debate etiológico sobre o autismo: leituras a partir da psicanálise lacaniana.** Psicologia Revista, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 486-511, 11 dez. 2019. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i2p486-511>.

VIANA, Ana Clara Vieira *et al.* **Autismo: uma revisão integrativa.** Saúde Dinâmica - Revista Científica Eletrônica, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 1-18, 2020.

WHO. **Autism spectrum disorders.** World Health Organization, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 12 jul. 2024.